

Fausto Viana, Carolina Bassi de Moura, Maria Eduarda Borges
e Amilton Pelegrino de Mattos(orgs.)

Dos bastidores eu vejo o mundo: cenografia, figurino, maquiagem e mais

Volume VIII

Edição Especial Teatralidades Indígenas

ISBN 978-65-88640-90-6
DOI 10.11606/9786588640906

São Paulo
ECA – USP
2023


ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO


NÚCLEO DE PESQUISA
TRAJE DE CENA
INDUMENTÁRIA E TECNOLOGIA

Organização: Fausto Viana, Carolina Bassi de Moura, Maria Eduarda Borges e Amilton Pelegrino de Mattos

Direção de arte e diagramação: Maria Eduarda Borges

Capa: Maria Eduarda Borges

Revisão: Márcia Moura

Foto da Capa: Detalhe da foto de Mapu Huni Kuin, disponível em:

<https://www.facebook.com/hunikuimapu>

Catálogo na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

D722

Dos bastidores eu vejo o mundo [recurso eletrônico] : cenografia, figurino, maquiagem e mais : vol. VIII : edição especial teatralidades indígenas / organização Fausto Viana ... [et al.] – São Paulo : ECA-USP, 2023.
PDF (483 p.) : il. color.

ISBN 978-65-88640-90-6
DOI 10.11606/9786588640906

1. Teatro. 2. Cenografia. 3. Maquiagem. 4. Figurino. 5. Indígenas. I. Viana, Fausto.

CDD 21. ed. – 792

Elaborado por: Lilian Viana CRB-8/8308

Autorizo a reprodução parcial ou total desta obra, para fins acadêmicos, desde que citada a fonte, proibindo qualquer uso para fins comerciais.



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.

Todos os esforços foram feitos para que nenhum direito autoral fosse violado no Dos bastidores eu vejo o mundo: cenografia, figurino, maquiagem e mais - Volume VIII - Edição Especial Teatralidades Indígenas. As fontes citadas foram explicitadas no texto ou em notas de rodapé ou de fim, e as imagens foram pesquisadas para creditar seus autores. Porém nem sempre foi possível encontrá-los. Caso algum texto esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, entre em contato com Fausto Viana que teremos prazer em dar o devido crédito.

As imagens das diversas seções deste trabalho foram feitas a partir de miçangas compradas na República Tcheca, favorita dos indígenas brasileiros. Há também penas. Todo o material foi fotografado por Fausto Viana com o auxílio de lupas, microscópio e conta fios.

Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Junior

Vice-reitor: Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda

Escola de Comunicações e Artes

Diretora: Profa. Dra. Brasilina Passarelli

Vice-diretor: Prof. Dr. Eduardo Henrique Soares Monteiro

Avenida Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443

Cidade Universitária CEP-05508-020

APRESENTAÇÃO

Foreword

Por que teatralidades indígenas nesta edição especial de *Dos bastidores eu vejo o mundo*?

Já há algum tempo temos desejado começar a preencher a lacuna da pesquisa sobre o universo indígena para, inclusive, poder abordar a temática em sala de aula com mais frequência e profundidade e depois partilhar o trabalho com colegas da área acadêmica e artística. O nosso desejo de ampliar esses conhecimentos, estender a outros, trocar opiniões e experiências a respeito, certamente vem da consciência do quanto muitos de nós não fomos acostumados a tratar esse assunto *como nosso*, nos espaços em que fomos formados.

Estranhamente, é como se apenas agora, nós - enquanto sociedade global - nos déssemos conta da magnitude dos povos indígenas, com toda a sua diversidade e riqueza milenar de suas culturas. Como se elas, só hoje, estivessem começando a ocupar nosso campo de visão de uma maneira mais adequada. Isto porque o olhar europeu, colonizador, de forma narcisista, esteve habituado a projetar a si mesmo sobre todas as coisas, buscando identificar-se com tudo o que via. Quando não houve essa identificação, reformulou-se a imagem e, quando isso não foi possível, reformulou-se a direção do olhar.

Esse mecanismo invisibilizou muitos, por muitos séculos, e a História foi passada para muitos de nós a partir desse posicionamento.

Reivindicando outras narrativas, já em 1984, durante a exposição *Tradição e ruptura: síntese de arte e cultura brasileiras*¹, em São Paulo, o filósofo e ambientalista Ailton Krenak foi entrevistado e escancarou a discrepância entre os modos de se encarar a Arte em nossas culturas:

¹ A exposição fazia parte da Bienal de Arte de São Paulo daquele ano.

Eu achei que essa mostra, de um período que eles chamam de cabralino, de certa maneira, nos faz pensar que essa produção aqui é uma coisa morta, **que os povos indígenas não estão produzindo mais uma arte semelhante.** E outra confusão que eu acho que isso permite também é supor que, essa mostra que existe aqui, seja alguma coisa estranha à produção viva, cotidiana, constante das culturas indígenas. A maioria dessas peças são utilitárias, têm a ver com o cotidiano, com a vida das pessoas. **É uma coisa viva e é necessário que se entenda que é uma amostra muito pequena do que é produzido hoje. E que esse senso de beleza, ou a ideia de produzir alguma coisa bonita, não é para você expor numa galeria ou num museu, mas é para você usar.** (KRENAK, 1984, grifos nossos)²

Refletindo sobre uma das últimas exposições do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, intitulada *Atos de Revolta*³, Pablo Lafuente⁴, um dos atuais diretores artísticos do museu, comentou:

A gente só consegue ver a História com os “óculos” que temos no presente. [...] a gente está sempre utilizando os “óculos” que temos disponíveis. E é por isso que a gente tem que repensar ou reexaminar quais “óculos” a gente tem e, o que os “óculos” que a gente tem, não nos deixam ver.⁵

A metáfora dos “óculos” é bem colocada para explicitar que o nosso modo de compreensão das coisas está atrelado ao tempo em que vivemos. Com o transcorrer dos fatos e dos séculos, por meio do esforço contínuo de muitos - entre os quais se incluem artistas e pesquisadores - aprimoramos nossos “óculos”, de forma a conseguir enxergar um pouco além.

A metáfora indica também que precisamos sempre de novos recursos que atualizem a nossa visão, para que ela se torne mais ampla. Isto porque, naturalmente, o nosso ponto de

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=A0WxCzJ046w&t=28s> Acesso em 20 jul. 2023.

³ De 17 set. 2022 a 28 maio 2023. Curadoria: Beatriz Lemos, Keyna Eleison, Pablo Lafuente e Thiago de Paula Souza. Exposição repensa o processo histórico do país em razão do bicentenário da Independência do Brasil.

⁴ Pablo Lafuente é espanhol e vive no Brasil desde 2013. É crítico de arte e codiretor artístico do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, ao lado de Keyna Eleison, pesquisadora e escritora carioca, herdeira Griot e xamã.

⁵ Disponível em: <https://mam.rio/programacao/atos-de-revolta/> Acesso em: 20 jul. 2023.

vista é, de certo modo, limitado, por representar a visão a partir de *um único ponto*.

A Arte, desde a sua origem ritualística (e principalmente nela), sempre buscou expandir nossos horizontes, nos permitindo experimentar outros modos de ver. As máscaras do teatro ritual, em diversos povos com cultura ancestrais, são um bom exemplo disso, a música em diferentes culturas, um texto literário que nos permite experienciar emoções, sem que precisemos tê-las vivido em nossa própria vida, as sessões de cinema das quais voltamos cheios de questionamentos... A experiência da Arte nos fortalece e possibilita um olhar mais amplo e profundo sobre nós mesmos e o mundo.

Daí a comparação recorrente entre os artistas/poetas/performers e os xamãs: ambos operam transformações sensíveis naqueles a quem direcionam suas atividades, por meio da sensibilidade e não da razão. Se os xamãs manipulam sua magia produzindo efeitos agradáveis ou desagradáveis para atingir determinado fim, a Arte faz o mesmo por meio de seus recursos nos permitindo enxergar além do habitual.⁶

Por outro lado, quanto mais o teatro ocidental, em sua história, se distanciou do seu caráter sagrado e ritualístico, promotor de experiências plurais, sentidos variados, comunhão, mais passou a defender a ideia do ponto de vista único⁷, do recorte – bem em conformidade com a sociedade e com os tempos que formularam esse teatro – tempos modernos. Isso afetou nossa disposição para perceber as coisas.

Se formos pensar nos meios de comunicação de massa, então, chegamos a um “olhar privatizado” à medida que:

o olhar é expulso do espaço público da comunicação, e é acuado num gueto privatista, que o condena à visão parcial. [...] É uma visão unilateral,

⁶ Por exemplo, uma história que nos mostre um ponto de vista diferente do nosso também não nos faz aprender algo quando nos comovemos com o que é contado? Não nos transforma, ainda que nos incomode, como uma espécie de remédio, cujo sabor é, a princípio, desagradável?

⁷ Podemos lembrar, inclusive, do “olho do príncipe”, o ponto de vista perfeito a partir do qual toda a cenografia deveria ser construída, favorecendo alguns espectadores e desprivilegiando outros, seguindo uma lógica de poder.

metonímica [...] visão da parte, que obscurece o todo. (ROUANET, 1988. p. 143⁸)

Consequentemente, é esse olhar alienado que percebe aquela arte ritualizada e participante da vida, como destacou Krenak, como algo primitivo, pertencente a tempos já ultrapassados, sem conseguir acessá-la de fato.

Nossa publicação entende o caráter fundamental da renovação do nosso olhar e da ampliação de nossos pontos de vista. Nesse sentido, esperamos trazer novas possibilidades de pensar o tema – *teatralidades indígenas* – a partir de olhares indígenas e não indígenas, em diversos artigos e entrevistas.

Começamos com uma seleção de artigos de autores não indígenas. Anna Khul analisa os trajes narrados no livro *A queda do céu* e vestidos no filme *A última Floresta* pelo povo Yanomami. Carolina Bassi de Moura relata intenso processo pedagógico na UNIRIO com seus alunos, tendo por base a obra do autor indígena Josias Sateré, da etnia Sateré-Mawé, com o qual também ela faz curiosa entrevista.

Fausto Viana investiga os trajes usados pela etnia Yawanawá, do Acre, no lançamento da campanha O Futuro é Ancestral, do DJ Alok, no topo das Nações Unidas, em Nova York. Graziela Ribeiro analisa a aparência indígena estereotipada no teatro popular do Pássaro Junino, em Belém do Pará, mesma busca apresentada por Ricardo Bessa em seu artigo sobre as representações indígenas no Boi de Parintins.

Juliana Birchal traz a perspectiva indígena e o tema da apropriação cultural – no caso, da cultura indígena do Canadá, uma discussão que teve que ser enfrentada pelos encenadores Robert Wilson e Ariane Mnouchkine, eterna diretora do Théâtre du Soleil. A montagem pouco ortodoxa da ópera *O guarani*, no Theatro Municipal de São Paulo, é o tema

⁸ ROUANET, Sérgio. *O olhar iluminista*. In NOVAES, Adauto (org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 143. Disponível em: <https://artepensamento.ims.com.br/item/o-olhar-iluminista/> Acesso em: 20 jul. 2023.

da entrevista feita por Maria Celina Gil com Laura Françoze. E Paula Martins analisa os trajes indígenas de um clássico do teatro brasileiro: a montagem de *Macunaíma*, de 1978, sob a direção de Antunes Filho.

San Pestana faz em seu artigo um panorama breve das representações de indígenas feitas por europeus e seus descendentes, desde as pinturas às teledramaturgias. Sérgio Lessa analisa os trajes do espetáculo *Amazonias*, dirigido por Maria Thais e que teve sua estreia no Teatro Paulo Autran, em São Paulo, com um elenco de 35 atores, sendo a maioria moradores da periferia.

Na segunda parte, os autores indígenas são introduzidos por uma entrevista longa e muito esclarecedora feita por Fausto Viana e Maria Eduarda Borges com Amilton Pelegrino de Mattos, professor da Licenciatura Indígena da Universidade Federal do Acre. A performance com o DJ Alok, na cobertura das Nações Unidas, também foi tema da entrevista com Mapu Huni Kuin, líder e músico indígena da etnia Huni Kuin.

Fechando esta edição, optamos por publicar na íntegra dois trabalhos de pesquisa de conclusão da licenciatura indígena na UFAC, orientados pelo já citado professor Amilton. São eles:

- Cantos de Yube Kene: as representações gráficas da malha da jiboia utilizadas em pinturas, tecelagens e na música Huni Kuin, escrito por Sian Huni Kuin no hatxa kuin (Tadeu Mateus Kaxinawa);
- Nixpu Pima – o ritual de passagem do povo Huni Kuin, de Noberto Sales Kaxinawa, uma experiência em que as pessoas recebem “forças e poderes dos espíritos da natureza”, como ele mesmo explica.

Tivemos a preocupação de publicar os trabalhos inteiros porque nos pareceu equivocado separar os ritos

e suas visualidades. Isto impediria o leitor de acessar a totalidade da experiência do Nixu Pima, por exemplo, em que o traje é parte integrante do ritual, mas não mais importante do que nenhuma das outras partes.

Com esta primeira coletânea de visões sobre as teatralidades indígenas, esperamos ter ampliado um pouco mais os horizontes de nossos leitores, como ampliamos os nossos. Estamos certos de que as pesquisas nesta área estão apenas começando, em paralelo a inúmeras outras iniciativas em nossa sociedade, arejando e iluminando nossa comunicação. Que possamos ultrapassar de vez o velho paradigma da relação sujeito-objeto, para nos dedicarmos vivamente a um diálogo entre sujeitos.

Fausto Viana

Carolina Bassi de Moura

Maria Eduarda Borges

Amilton Pelegrino de Mattos